

PAISAGENS RURAIS DO SUDOESTE GOIANO, ENTRE ITUMBIARA E JATAÍ

AZIZ NACIB AB'SÁBER e MIGUEL COSTA JÚNIOR

Após haverem realizado um estudo do relevo, solos, vegetação e clima do Sudoeste Goiano, em trabalho publicado no n° 4 deste Boletim, oferecem-nos os autores, linhas abaixo, uma nova contribuição ao melhor conhecimento daquela região brasileira, focalizando alguns aspectos de sua geografia humana, notadamente o povoamento e o "habitat" rural.

O prof. AZIZ NACIB AB'SÁBER é sócio efetivo da A.G.B., professor de Geografia Física na Faculdade de Filosofia "Sedes Sapientiae" da Universidade Católica e auxiliar técnico do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo; foi recentemente eleito para o cargo de Secretário-Geral de nossa Associação. O prof. MIGUEL COSTA JÚNIOR é sócio cooperador da A.G.B. e professor de Geografia Geral e do Brasil no Colégio Estadual "Franklin D. Roosevelt", desta Capital.

Contacto com a paisagem do Sudoeste Goiano, através do Triângulo Mineiro. — O viajante que pretende penetrar em Goiás, através de Itumbiara (a antiga Santa Rita do Paranaíba), atravessa extensos trechos de chapadões, recobertos parcialmente por *cerradões* e *capões* de mata rala. Nessa área, situada ao norte de Uberlândia e Monte Alegre, a paisagem econômica do Triângulo Mineiro está bem mal representada. O singular traçado da rodovia que, já nesse trecho, se justapõe ao topo mais ou menos horizontal dos chapadões recobertos de "cerrados", dá uma impressão bastante errônea da força econômica regional. As viagens de avião permitem uma visão muito mais completa do conjunto, mostrando a riqueza da paisagem econômica e a forte ocupação dos solos nos vales e encostas suaves dos chapadões. Por essa região passam os principais caminhos boiadeiros que de Goiás demandam Barretos; daí os diversos ranchos e pousos que a pontilham (Avatinguara, Moeda e Alvorada).

Transpõe-se a ponte Afonso Pena, sobre o Paranaíba, numa área em que o rio entalhou pronunciadamente as formações areníticas, pondo à mostra extensa área basáltica geradora de *terra-rara*.

A ponte Afonso Pena, construída pelo sistema de ponte pênsil no governo do ilustre presidente, cujo nome tomou, foi adaptada posteriormente ao trânsito de autos e caminhões, conforme nos informa Júlio Paternostro (1945, p. 247).

A despeito do velho trabalho de destruição levado a efeito pelo homem regional, ainda hoje, nas proximidades do rio, percebem-se *capões* de matas densas, relíquias da floresta-galeria ali desenvolvida pelo vigor do solo e a umidade do vale.

Transposto o Paranaíba, a estrada de rodagem muito se alarga num patamar baixo de terra-roxa lamacenta, onde se vêem alguns casarões esparsos e vários currais nos arredores da cidade. Razão pela qual o Dr. Paternostro anota pitorescamente: "Em Goiás, a primeira terra por que rolam os pneus é o tijuco dum curral. Entramos no domínio do gado" (1945, p. 295). O aglomerado urbano situa-se pouco adiante, numa curva do rio, tendo por sítio uma colina baixa, esculpida provavelmente em um nível antigo de terraços do Paranaíba.

Itumbiara é um ponto de passagem obrigatória para os que demandam o Sudoeste Goiano, representando um centro de irradiação de rodovias e caminhos boiadeiros para várias direções.

Uma parte do município de Itumbiara, assim como a maior porção de Buriti Alegre (1), constituem áreas de pastos de engorda e recreação. O que, porém, dá originalidade geográfica à zona rural de Itumbiara, é a relativa equivalência de importância entre a criação e as atividades agrícolas; fato que se traduz fielmente na paisagem e na densidade da população regional. Sob muitos aspectos, a área de chapadões areníticos situada a oeste de Itumbiara repete o quadro de condições econômicas que caracteriza o Triângulo Mineiro. Ainda não se pode comparar, porém, a intensidade de ocupação dos solos, nem o grau de desenvolvimento geral das duas áreas. Em 1940, a densidade de população do município de Itumbiara atingia 5,12 por km², cifra não alcançada por nenhum outro município do Sudoeste Goiano.

O geógrafo toma seu primeiro contacto real com as paisagens rurais do Sudoeste Goiano pouco adiante de Itumbiara, após ter transposto a calha principal do Paranaíba. Pode-se dizer que, ao se cruzar a porteira que dá acesso à estrada da "Companhia Rodoviária Sudoeste Goiana", entra-se propriamente nessa parte de Goiás, que estamos estudando. Ali, em um posto fiscal da com-

(1) As famosas invernadas de Buriti-Alegre situam-se meia centena de quilômetros ao norte de Itumbiara. Trata-se da mais importante área de campos de engorda do Estado, para onde converge uma boa parte do gado do centro de Goiás, destinado aos frigoríficos paulistas.

panhia que tem a seu cargo a conserva da estrada, os caminhões, tropas e passageiros pagam a primeira taxa de pedágio. Em julho de 1948, 36 cruzeiros por pessoa e 102 cruzeiros por caminhão, até o rio dos Bois. Estavam isentos dessa cobrança os passageiros e as cargas da "Fundação Brasil Central".

Nos primeiros quilômetros, a estrada, sempre muito reta, corta apenas trechos de um chapadão recoberto de capoeira e vegetação raquítica. Por algum tempo, não se vê a presença do homem e tem-se a impressão errada de que se trata de uma zona de povoamento extremamente rarefeito.

Após subir-se um pouco mais a vertente esquerda da grande calha do Paranaíba, percebem-se morrotes testemunhos dos arenitos cretáceos (*Baurú*), alinhados no topo de um espigão, marcando uma plataforma interfluvial não muito dissecada. Tratam-se de pequenos morros suaves, na forma de ligeiros escudos ou grandes bolachas, assentados sobre o espigão tendencialmente aplainado. No primeiro vale encontrado após a extensa encosta, nota-se uma língua de vegetação mais verde e densa, devido ao armazenamento de umidade. Alguns sinais de povoamento, pela primeira vez, podem ser observados e, aos poucos, a impressão de deserto perde sua razão de ser. Fazendas esparsas, algumas bastante modernas e ativas, onde se praticam a agricultura e o pastoreio passam a vivificar a paisagem.

De fato, daí por diante, margeando a estrada, percebem-se plantações de algodão, milho e arroz de espigão. As vezes, estendem-se invernadas, a um lado da estrada, e plantações do outro. Em alguns pontos, o algodão é plantado nas ruas do arrozal. Parecem dominar as culturas de milho e algodão, nessa área (Fotos n.ºs 2 e 3).

Há evidências iniludíveis de que toda essa área próxima à calha do Paranaíba foi recoberta de vegetação florestal até o advento dos primeiros povoadores mineiros. Muitas encostas ainda guardam "cabeleiras" de matas e, por toda parte, vêem-se palmeiras bacurís indicando a presença de antigos solos florestais (Foto n.º 1).

O povoamento e a disposição do "habitat" na zona rural de Itumbiara. — Nessa primeira zona, que representa uma minúscula sub-região antropogeográfica do Sudoeste Goiano, o povoamento e a ocupação do solo apresentam traços de riqueza não encontrados em nenhuma outra área do território por nós percorrido. Não se trata de um povoamento muito denso e contínuo, mas sem dúvida bastante razoável, quando comparado com o quadro comum da maior parte do Centro-Oeste do Brasil.

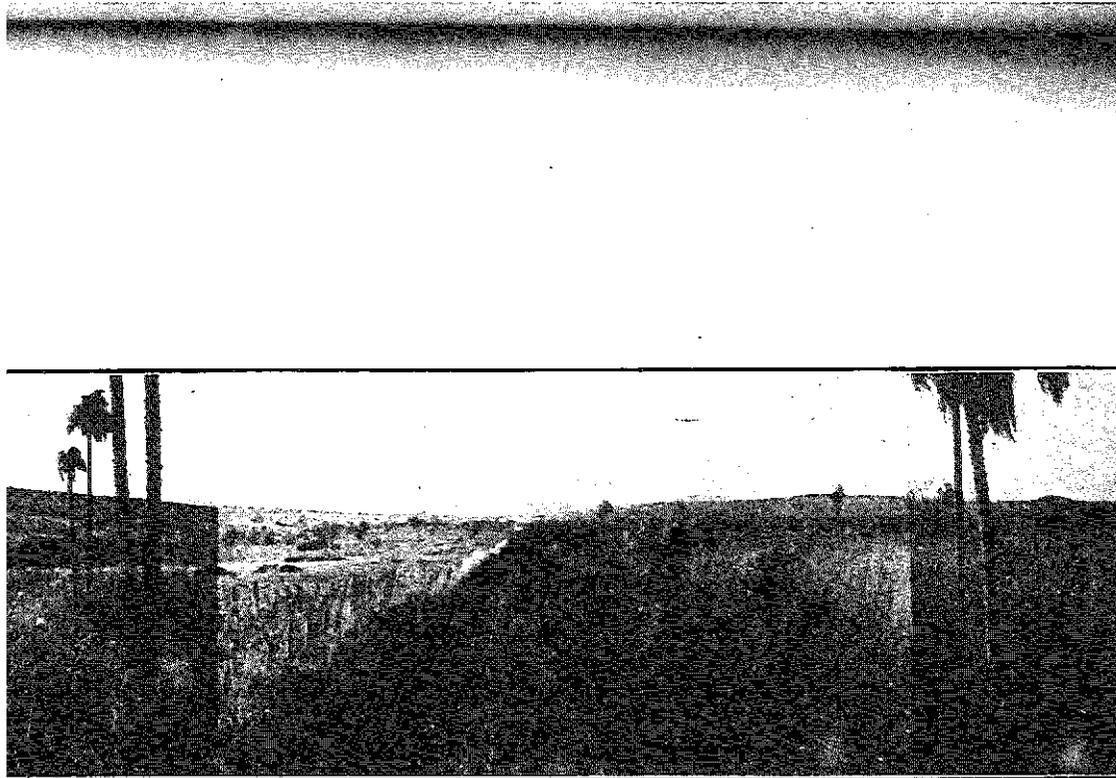
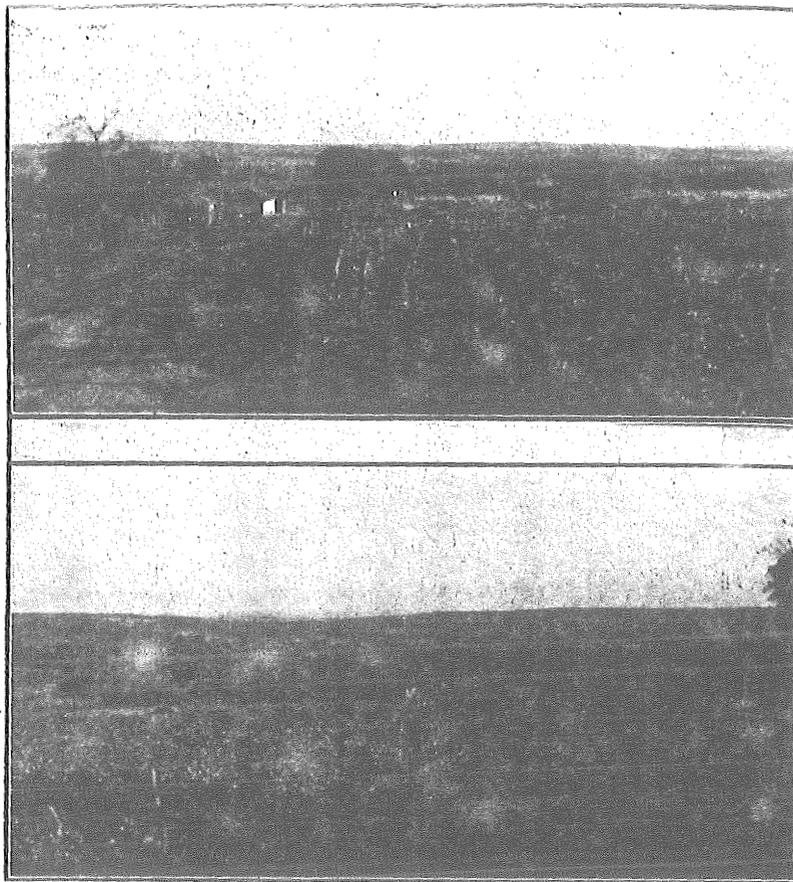


Foto n.º 1 — *Paisagem rural do município de Itumbiara.* — Zona florestal antiga, da vertente direita do vale do Paranaíba. Área agrícola das mais importantes do Sudoeste de Goiás. Plantações de arròs de espigão, milho e algodão (Foto A.N.A. — 1948).



Fotos n.ºs 2 e 3 — *Plantações de milho e algodão*, na zona de chapadões suaves, que medeia o Paranaíba e o Meia Ponte. Área de razoável ocupação dos solos (Foto A.N.A. — 1948).



Foto n.º 4 — *Habitações goianas típicas*, de beira de estrada, com armações de madeira grosseiramente lavrada, paredes de adobe e "remendos" de pau-à-pique. Quintais divididos por mourões de madeira rachada (Foto A. N. A. — 1948).

Na fase atual, a região apresenta dois grupos de *habitat* rural, frutos de duas épocas da evolução econômica regional. De um lado, encontram-se as fazendas modernas ligadas à era do caminhão e aos novos padrões de atividades agrárias advindas da contiguidade com o Triângulo Mineiro. O outro grupo é representado pelo *habitat* rural clássico do velho Goiás, com suas grandes fazendas de gado, pontilhadas de "retiros", moradias de agregados, mangueirões, chiqueiros e paióis de milho. Nesse segundo grupo, enquadram-se, também, os tipos de *habitat* rural linear, disperso ou ligeiramente nucleado, que se desenvolveram à beira do velho trecho de caminho Santa Rita-Rio Verde. Tratam-se de vendas, sitiocas e fazendolas, pousos e moradias de agregados, construídos à moda clássica da região, para servir à estrada e dela viver (Fotos n.ºs 4 e 6).

Pouco nos interessa a análise do moderno *habitat* da região, representado por fazendas mistas (agrícolas e pastoris), possuidoras de sedes modernas, construídas de tijolos e cobertas de telhas francesas. Lembramos, tão somente, que esse novo tipo de *habitat* rural do município está revigorando a vida econômica regional, graças às suas plantações de algodão, milho, arroz e mandioca e de seu pastoreio melhor cuidado.

As velhas fazendas goianas dessa área chegam a possuir 500, 1000 e mesmo 4 ou 5000 alqueires de terras pouco aproveitadas. São predominantemente pastoris, embora não possuindo grandes rebanhos. Uma boa parte de suas atividades agrícolas, desenvolvidas em encostas e vales mais férteis, é feita por arrendatários pobres, na base de 25% a 30% sobre a colheita. Encontramos um antigo "chauffeur", que nos informou ter arrendado terras de seu patrão, ao qual paga 10% da colheita. As plantações mais comuns são o milho, o arroz, o algodão, a mandioca, o fumo e o abacaxi. É extremamente raro não se encontrar sinais de criação de porcos e galinhas nos quintais das habitações pobres ou ricas da região. O mesmo se dá com a presença de bananeiras e árvores frutíferas.

As sedes das fazendas regionais geralmente são casarões de um só andar e pouco imponentes, construídos de adobes entre armações de madeira e recobertas de grande telhas comuns. São caiadas de branco, possuindo portas, janelas e madeirames laterais pintados de azul "natier" ou "marron"; fatos que, em conjunto, caracterizam imediatamente a fisionomia do "habitat" clássico e tradicional de Goiás antigo. Situam-se em contra-encostas suaves, nem sempre próximas do atual caminho. Raríssimas vezes as fazendas foram construídas nos chapadões, onde domina o "cerrado" e não existem aguadas perenes.

As moradias de agregados estão intimamente relacionadas com o fundo dos vales e parte inferior das encostas. Tratam-se de casebres de pau-a-pique, barreados e recobertos com sapé ou folhas de indaiá, cobrindo espaço bem maior que o das casas de pau-a-pique, das regiões serranas paulistas. O que dá originalidade ao *habitat* desse tipo é o grande número de cercas e cercados que envolvem os lacos e os fundos da habitação. O quintal, com algumas bananeiras e outras árvores frutíferas, anuncia, de longe, a presença das moradias no meio dos campos e cerrados. Em conjunto, a casa, as pequenas quadras cercadas com achas de aroeiras e o quintal com seus pés de bananas, caracterizam bem o cenário do *habitat* típico da região. Chiqueiros, paióis, ranchos de fundo de quintal, assim como algumas pequenas plantações de mandioca, milho, algodão e cana, completam o singelo quadro. Às vezes, as pequenas plantações (mínimas em extensão e rendimento), ficam restritas apenas às áreas cercadas, devido ao receio da presença do gado.

Um fato curioso a se notar é a grande generalização do tipo de telhados em quatro águas, recobertos de fôlhas de indaiá. Não só na área rural, como nos vilarejos e em construções mais modernas, cobertas de telhas, a forma de telhados em quatro águas é bastante comum.

Lembramos que a relativa densidade do povoamento rural, na região situada entre Itumbiara e o rio Meia Ponte (Foto n.º 5), liga-se a um grupo de fatos geográficos que não podem ser esquecidos. Exceção feita para as questões ligadas à posição da região, situada em área contígua ao Triângulo Mineiro, há a notar, ainda, fatores puramente de ordem fisiográfica. O relêvo não revela ali tabularidade marcante, devido ao estágio pronunciado de dissecação das plataformas interfluviais, fato que, provavelmente, se liga à umidade das regiões próximas ao Paranaíba. A movimentação e diversificação da topografia é completada, ainda, pela presença de um grande número de morros-testemunhos, na forma de "baús", "cuscuzeiros" e "serrotes" não muito tabulares. Por outro lado, trata-se de uma região onde tudo indica que a cobertura vegetal primária era predominantemente florestal e não campestre. Esses fatos todos conjugados teriam sido os responsáveis pela diversificação das atividades econômicas da região.

Paisagens rurais dos chapadões do Planalto de Rio Verde (entre Bom Jesus e Rio Verde). — A região que se sucede a Bom Jesus constitui um dos trechos mais ásperos dos extensos chapadões do sudoeste goiano. Observamos grandes *queimadas* nos

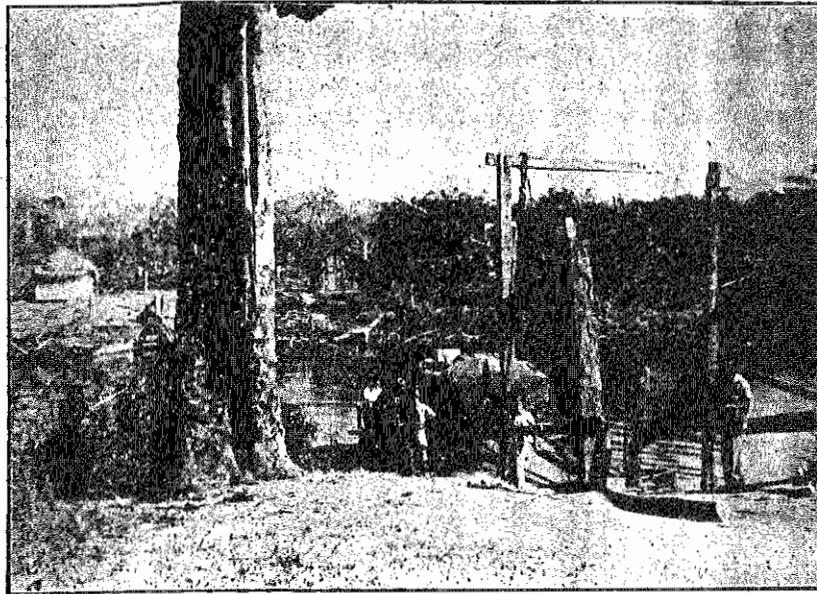


Foto n.º 5 — *Balsa do Rio Meia Ponte.* — Zona de basaltos e floresta-galeria extensa
Foto A.N.A. -- 1948).

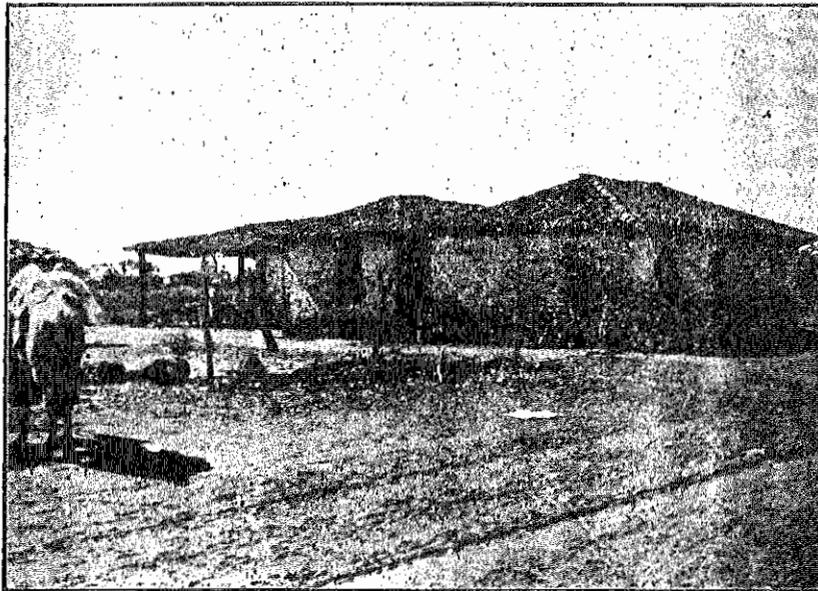


Foto n.º 6 — *Rancho característico de beira de estrada, na porção oriental do Sudoeste Goiano.* Telhas comuns, armações de madeira, paredes de barro e calção branca descascadas, "puchadinhos", e cozinha em rancho no quintal Vila de Bom Jesús (Foto A.N.A. — 1948).

"cerrados", provavelmente com a finalidade de fazer pastos. Nenhuma plantação. Zona de terra arenosa avermelhada. Em alguns tratos, muita "barba de bode".

Penetra-se, assim, no *Chapadão do Padre Nosso*, constituído por quase 20 km de "cerrados" recobrimdo uma superfície extremamente nivelada. Nesses vinte quilômetros de estrada (mais de uma hora de caminhão em marcha regular), não vimos sequer uma habitação. Predomina ali o arenito esbranquiçado, de quando em vez cortado por pequenas manchas de solo vermelho. O cascalho encontrado no leito da estrada é trazido de outras regiões. No revestimento florístico, salientam-se as "lixadeiras" (*Curatella americana*), com seus troncos e galhos retorcidos, cascas grossas e folhas grandes. Entre as outras árvores, comuns ao complexo botânico dos cerrados regionais, observam-se: ipês amarelo ou roxo, caraguatá, murici, "pau terra", "capitão", paineira e o "imburussú-do-cerrado". Árvores todas que, em sua grande maioria, raramente ultrapassam a altura de 4 metros.

Perto das raríssimas lagoas e dos riachos e córregos temporariamente secos, há a paisagem dos buritís e um tapete de grama verde clara, traduzindo a umidade localmente conservada no solo.

Muito raramente vêem-se algumas rezes esquiladas pastando no "cerrado". O gado, apesar de pouco, indica a presença de aguadas nos flancos dos chapadões. O viajante, porém, não consegue divisar da estrada nenhum sinal de povoamento rural. Fazendas e moradias de agregados da região encontram-se absolutamente condicionadas aos vales e calhas de desnudação que contornam o chapadão áspero.

O Chapadão do Padre Nosso, que atravessamos entre 13 e 15 horas, pareceu-nos interminável. O quadro extraordinariamente monótono do "cerrado", aliado ao desconforto da viagem, cansa e esgota o viajante. Neste sentido, talvez somente a caatinga do Nordeste tenha efeitos mais deprimentes. Trata-se de um dos mais extensos e ásperos trechos de "cerrado" do Sudoeste Goiano. O vale que põe fim ao chapadão possui um córrego de nome sugestivo: Boa Esperança. Ali afloram basaltos, que constituem o embasamento dos arenitos na região.

O rio Santa Bárbara, afluente do rio dos Bois, é o primeiro curso d'água mais pronunciado que se encontra após o Meia Ponte. Corre sobre basaltos e apresenta em seu vale extensa zona de matas-galerias.

Para que se possa ter uma idéia da vastidão da Fazenda Santa Bárbara queremos lembrar que, desde Bom Jesús, após algumas dezenas de quilômetros, ainda não havíamos saído de seus domínios.

Dois quilômetros antes do rio dos Bois, atinge-se o "retiro" do Pontal, ainda pertencente à grande fazenda. A principal atividade da região é a criação, embora também existam pequenas roças de arrôz, milho e feijão.

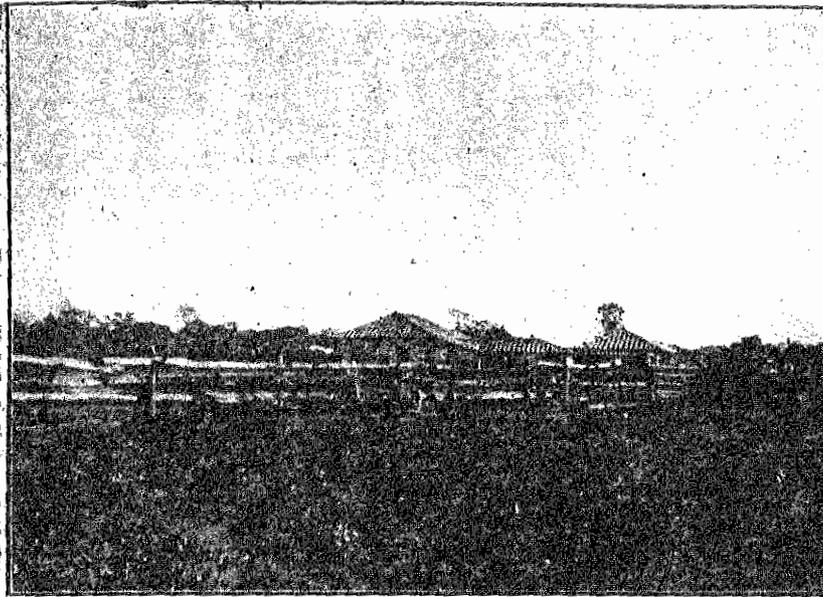
O tipo de habitação do "retiro" Pontal representa bem o tipo dominante de construções das fazendas regionais. Após o corpo frontal do edifício, que se volta para a estrada, seguem-se prolongamentos laterais mais baixos, na forma de "puchadinhos". A forma de telhados em quatro águas aparece no corpo do edifício e nos ranchos do quintal. A cozinha localiza-se na dependência lateral; na frente, ficam a varanda e os dormitórios. A estrutura das paredes é de adobe barreado e caiado de branco. A cobertura do edifício é feita com grandes telhas de encaixe, não se observando, no caso, a utilização de folhas de palmeiras (Fotos n.ºs 7 e 8).

No "retiro" só existiam 20 rêses, quando de nossa viagem, além de três vacas leiteiras. Fatos, como êsses, demonstram bem que a criação em algumas áreas do Sudoeste Goiano é muitíssimo menos importante do que geralmente se pensa.

Nas atividades domésticas e no complexo alimentar, o leite e seus subprodutos praticamente não tomam parte. Ao contrário do que acontece em Minas, onde a indústria doméstica de laticínios é tradicional, os homens de Goiás e Mato Grosso cuidam muito pouco da obtenção e utilização daquele produto animal. Sabemos que a dificuldade de transportes e a inexistência de grandes centros consumidores próximos criam condições negativas ao desenvolvimento da indústria e do comércio do leite. Isso, porém, não seria capaz de, por si só, explicar a sensível ausência de utilização do produto na alimentação regional. Curioso lembrar, nêsse sentido, que nas grandes fazendas criadoras de Goiás e Mato Grosso, impera a idéia de que "o leite é pr'o bezerro"...

Quando de nossa passagem pelo "retiro" Pontal, em meados de julho de 1948, havia meses que não chovia na região.

O rio dos Bois, com seus três braços atravessados por miseráveis pontes pôdres, é o maior curso d'água que secciona os chapadões do Planalto de Rio Verde. Por ocasião das cheias, é difficilimo o trânsito de automóveis e caminhões sôbre as pontes da região (Foto n.º 9). Os caboclos, que vivem nos arredores, têm a tarefa complementar de desatolar os automóveis e caminhões que se aventuram por aquelas paragens, na época das águas. O episódio de enormes juntas de bois, rebocando as viaturas, é comum nessas ocasiões.



Fotos n^{os} 7 e 8 — O retiro do Pontal e suas dependências (Foto A.N.A. — 1948).

Pouco adiante do rio dos Bois, existe o segundo pôsto de fiscalização da "Companhia Rodoviária Sudoeste de Goiás". Trata-se de um prédio relativamente novo, embora simples, caiado de branco à maneira regional. Os caminhões param, obrigatoriamente, diante da porteira fechada, pagando novas taxas de pedágio (Foto n.º 10).

Notamos na residência do pôsto a presença de água encanada graças a um sistema improvisado e prático. A água é trazida de longe, de uma cisterna, por meio de carroças e colocada em dois reservatórios, feitos com tambores de gasolina. Daí partem os canos de distribuição para as diversas dependências da habitação.

Os fios telegráficos, que demandam longínquas regiões de Mato Grosso, através do Sudoeste Goiano, passam pelo pôsto do rio dos Bois. Desde Itumbiara, não mais se vêem os fios de telefone, tão comuns na paisagem das estradas do Triângulo Mineiro.

São dignas de nota a diminuição do movimento na estrada e a porcentagem ínfima de ocupação do solo, nêsse trecho do Sudoeste Goiano, que estamos focalizando. Rareiam as habitações de beira de caminho, os pousos e vendolas.

Pouco além do rio dos Bois, transforma-se a paisagem do "cerrado". Ao que parece, a vasta calha de desnudação, escavada pelo grande afluente do Paranaíba e seus tributários, contribuiu para criar condições para a extensão da vegetação florestal nos níveis baixos e médios da topografia regional. As queimadas sucessivas e descontroladas acabaram reduzindo tudo a campos "sujos", até certo ponto facilmente confundíveis com os "cerrados", para o observador desprevenido.

Ao se atingir a região da Fazenda Fortaleza, divisa-se novamente um nível mais saliente e menos contínuo de chapadas minúsculas, "mesas" e "cuscuzeiros", remanescentes muito retalhados das formações cretáceas. Não passa da antiga plataforma interfluvial, hoje extremamente dissecada, situada entre as calhas dos rios São Francisco e Preto, afluentes consequentes da margem direita do Paranaíba (Foto n.º 11).

A fazenda Fortaleza estende-se nos níveis baixos da topografia, cobrindo 2.500 alqueires. Como todas as outras dessa região, possui a maior parte de suas terras sem nenhum aproveitamento: latifúndio perfeito e não dos maiores, nascido e crescido numa área situada a meio-caminho entre Itumbiara e Rio Verde.

A vegetação ali perde sua continuidade, devido a queimadas e destocamentos antigos. Surgem extensões de campos "sujos", ocasionalmente apresentando minúsculas "ilhas" de plantações à beira da estrada (arrôs ou mandioca).

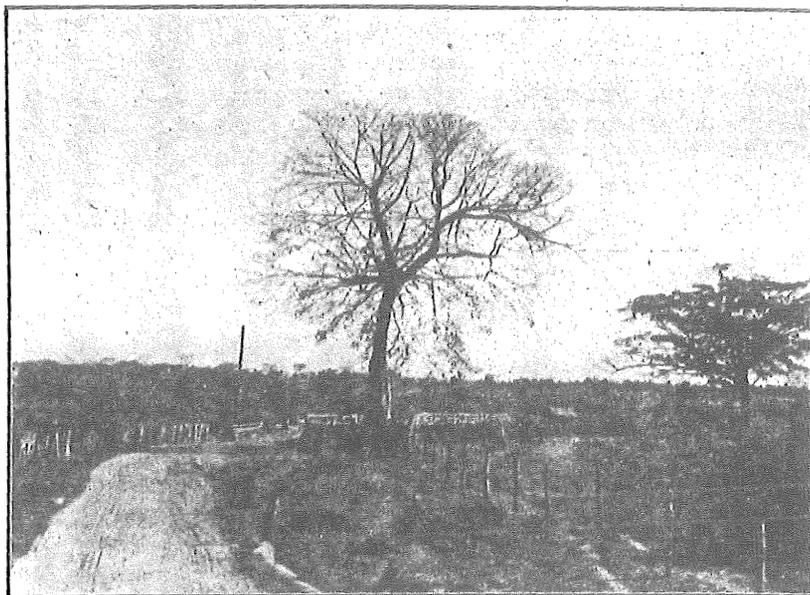


Foto n.º 9 — Região do rio dos Bois, com suas pontes rústicas e perigosas, transpondo ilhas fluviais. Zona de florestas-galerias (Foto A.N.A. — 1948).

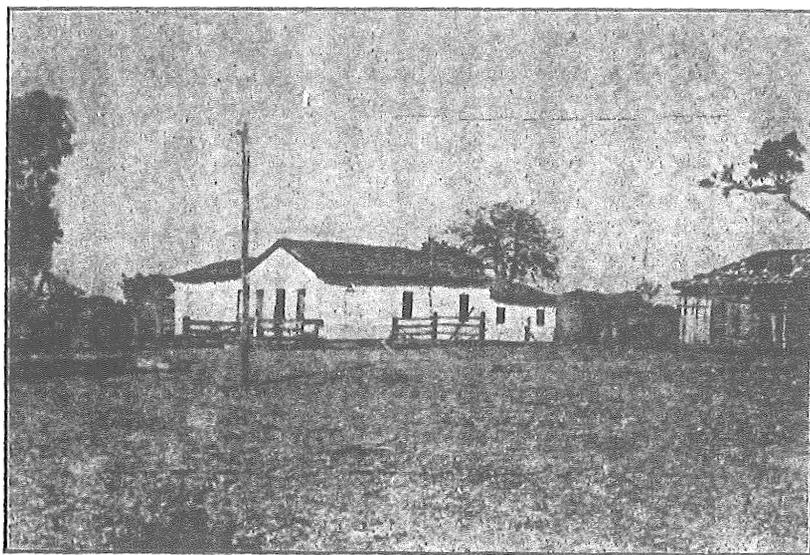


Foto n.º 10 — Posto Fiscal da Companhia Rodoviária Sudoeste de Goiás, na região do rio dos Bois. Note-se a presença da linha telegráfica, que põe em contacto o Sudoeste Goiano com as demais regiões brasileiras (Foto A.N.A. — 1948).

A cumiada da serra, esculpida em camadas cretácicas horizontais, domina todo o horizonte; em Fortaleza, é denominada, popularmente, de Serra Grande. A presença de "testemunhos" dos mais variados tipos, pontilhando, como que posticamente, o nível ondulado mais baixo, dá maior movimentação ao relevo desse trecho. Curioso notar que, a essa movimentação geral, correspondem sinais flagrantes de maior povoamento e ocupação do solo.

As chapadas de topo nivelado, contendo "cerrados" extensos e sem água na estação seca, são zonas desfavoráveis ao povoamento; enquanto que as zonas ligeiramente mais movimentadas dos níveis baixos e médios, com solos florestais, vales e aguadas mais frequentes, são privilegiadas sob o ponto de vista da localização do "habitacional" e da maior ocupação do solo. Fatos válidos independentemente até mesmo da posição geográfica geral, como é o caso da área que estamos analisando. Ali as habitações se tornam mais frequentes e a própria divisão das propriedades parece ser maior.

Uns dez quilômetros além de Fortaleza, a estrada corta a zona de "testemunhos" cretáceos; seu traçado foi feito aproveitando as lombadas suaves de nível mais baixo. O leito do caminho sobe e desce lombadas suaves de 20 a 80 m de desnível, costeando os morros testemunhos ou passando entre seus arremêdos de *boqueirões*. Os flancos abruptos e ravinados dos morros são quase absolutamente despidos de vegetação. As cumiadas, às vezes, possuem matas ralas e, outras vezes, "cerrados" ou capoeirões.

Segue-se, após essa zona principal de testemunhos das formações cretáceas interdesnudas, uma área de relevo mais suavizado com extensos chapadões, ligeiramente entalhados. Nessa região, desaparece o "cerrado", passando a dominar os campos e invernadas, contendo buritís e bacurís esparsos. Chegando ali, o observador está em plena área rural do município de Rio Verde.

A topografia, muito menos movimentada nesse trecho, apresenta largos e desmedidos horizontes, percebendo-se distâncias enormes. Na direção de Rio Verde, observam-se, acima das linhas horizontais dos chapadões, as silhuetas de novos "testemunhos" salientes das camadas cretáceas.

Nas baixadas, os ribeirões correm sobre basalto e terra-rôxa. Próximos deles, quase sempre, há um morador, em função da água e da estrada. A vegetação varia pouco, distribuindo-se entre pastos de capim alto e sapezal, até campos sujos; em geral, na forma de arbustos brotados após queimadas recentes.

Notam-se, nas contra-encostas dos chapadões suaves, a presença de meandros abandonados, marcando *ombros* de erosão. Os alinhamentos característicos de buritís, acompanhando faixas sinuosas de

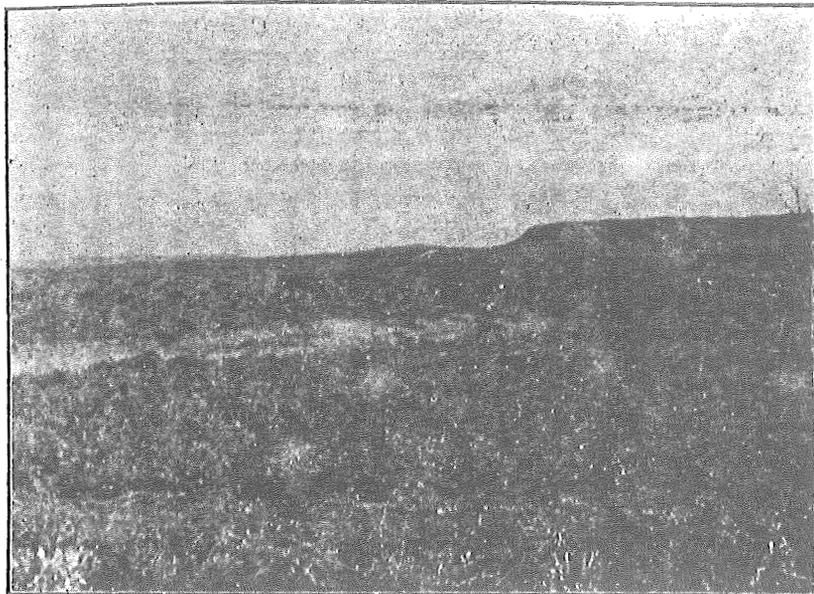


Foto n.º 11 — *Silhueta de uma pequena chapada, com vertentes em "aparados", esculpidas em arenitos cretáceos. O topo aplainado do taboleiro marca o nível mais alto da região (800-850 m), enquanto o primeiro plano corresponde à superfície de erosão atual, mais baixa (700-750 m). A região é recoberta de capoeirões e campos "sujos", que lembram matas degradadas (Foto A.N.A. — 1948).*

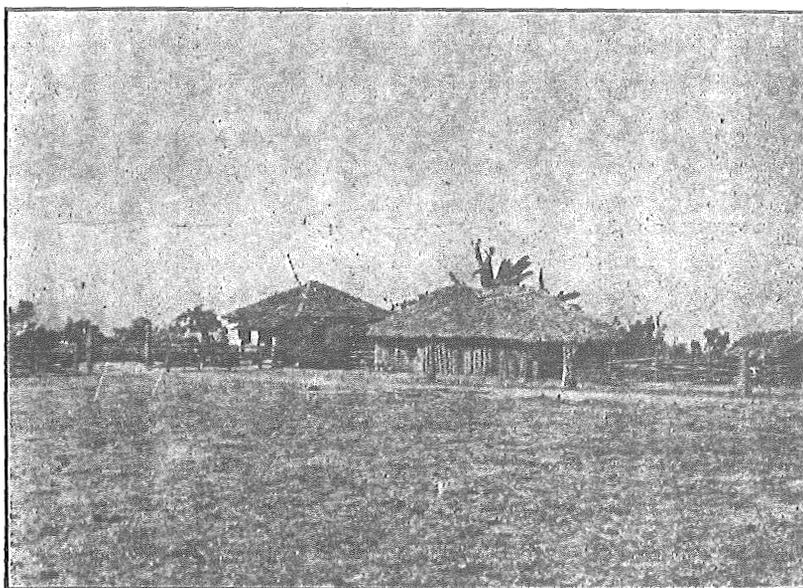


Foto n.º 12 — *Em pleno cerrado, os postos fiscais da Companhia Rodoviária do Sudoeste de Goiás constituem o único traço da presença do homem, nos chapadões ásperos e intermináveis. Na fotografia acima, podem ser observados dois estilos de construção: a casa de telhas francesas e um rancho rústico, de telhado em quatro águas, coberto de palha e feito de páus roliços fincados. Cêrcas, bananeiras e terreiros completam a pequena paisagem desse "habitat" de exceção (A.N.A. — 1948).*

gramíneas, balisam o traçado de vales temporariamente secos, porém brejosos, excelentes conservadores de umidade até mesmo na estação seca.

Além da zona dos testemunhos cretácicos, notamos moradores em sítios relativamente altos: pontos raros para a localização do *habitat*. Plantações de milho e mandioca, em quadras pequenas e pouco contínuas se sucedem. Notam-se algumas plantações de abacaxis. Soubemos, por informação de nosso "chauffeur", que as culturas desse fruto, encontradas à beira da estrada, aqui e ali, desde Uberlândia, se destinam à venda direta aos motoristas de caminhões que por lá passam. Constituem, assim, uma pequena fonte de renda dos caboclos e sitiantes que residem à beira do caminho.

No fundo dos vales, alternam-se, a intervalos relativamente curtos, moradias de agregados. Via de regra, de longe, algumas poucas bananeiras, denunciam a presença do homem.

Alguns quilômetros antes de se atingir o córrego Cabeleira, passa-se por uma série de chapadões ondulados, de lombadas muito suaves. Região de povoamento quase nulo até às proximidades do córrego, onde se situa a "Pensão do Cabeleira", parada quase que obrigatória para os motoristas que vêm de Bom Jesus ou Rio Verde. Essa pensão é tão característica quanto as outras por nós visitadas no Sudoeste Goiano, tanto no tratamento como no prédio e suas dependências internas e externas.

De Bom Jesus até o vale do Cabeleira a viagem foi estafante. Atingimos o local, ao pôr do Sol. Ai, três caminhões, repletos de cargas as mais diversas, cruzaram-se àquela hora; de modo que nada menos do que doze pessoas jantaram na obscura sala da frente do prédio, sob a luz dos lampiões. Havíamos saído às 6 horas da manhã de Itumbiara. Ao meio dia, almoçamos em Bom Jesus; à noite, jantamos na "Pensão do Cabeleira". E, dentro do horário de nosso "chauffeur", em que sempre é preciso ganhar tempo, viajamos o resto da noite para atingir Rio Verde.

Tendo vencido à noite a distância entre o córrego Cabeleira e a cidade de Rio Verde, poucas observações pudemos fazer sobre as paisagens e a vida econômica regional.

Nas proximidades do córrego Cabeleira, situam-se os terrenos da Escola Agrícola de Rio Verde, destinados a estudos experimentais.

Notamos que, a uns 10 km além da Pensão, existem matas mais fechadas e densas, o que representa uma paisagem de exceção no meio daquele extenso cenário de chapadões recobertos de campos e "cerrados". Não se tratava de *floresta-galeria*, pois a

região corresponde a um espigão entre o riacho Cabeleira e o córrego Baúsinho, ambos afluentes da margem direita do Rio Verde. Somente a riqueza local dos solos poderá explicar a presença de tão extenso capão de matas. O certo é que o Governo Federal trabalha nêsse trecho em planos de colonização, destinando 50 alqueires ao longo da estrada a êsse fim. Para isso, a mata está sendo derrubada numa faixa de 25 m, paralela à estrada.

Uns 20 km mais ou menos antes de Rio Verde, próximo a uma nova secção de "testemunhos", vimos as mais belas fazendas de gado do trecho do Sudoeste Goiano por nós percorrido. Pela primeira vez pudemos observar rebanhos de boa aparência, demonstrando melhor tratamento, seleção e cuidado. Tratam-se de ricas fazendas goianas, que fazem a fama da zona criadora de Rio Verde. Notamos os grandes cercados para currais e mangueirões, denotando a mesma abundância de madeiras e cercas já referida em relação a outras regiões percorridas. Ali, porém, o arranjo dos compartimentos da fazenda era muito mais racional e estético; além disso, os mourões e porteiras, pintados de branco e preto, contribuíram ainda mais para distinguir o novo quadro dos anteriores. Segundo apuramos, existem na região diversas fazendas denotando o mesmo cuidado e desenvolvimento.

Atingimos Rio Verde noite alta, após termos percorrido duas centenas e meia de quilômetros de chão goiano, no qual a maior aglomeração encontrada foi o vilarejo de Bom Jesús, com suas vinte casas à beira da estrada. Júlio Paternostro, em 1935, contou para êsse trecho imenso apenas "33 habitações, das quais 22 eram cobertas de sapé" (1945, p. 299). Honestamente devemos dizer que a situação não mudou muito quase três lustros depois, apesar da intensificação do tráfego de caminhões que demandam paragens longínquas do sudoeste e oeste-sudoeste goianos (Rio Verde, Jataí, Mineiros, Montevideo, Caiapônia, Ibutim e Aragarças).

Problemas econômicos da região de Rio Verde. — A segregação e as dificuldades de transporte, sempre foram os problemas da cidade de Rio Verde e de sua região econômica, como acontece, aliás, com todo o Sudoeste Goiano e leste matogrossense.

Em 1886, queixava-se o informante de Alfredo Moreira Pinto (*in* "Apontamentos para o Dicionário Histórico Geográfico Brasileiro"), que os produtos das lavouras de Rio Verde não excediam às necessidades do consumo, "por causa de não haver à pequena distância um mercado consumidor, pois os lucros que poderia obter seriam consumidos no transporte". É fácil de se perceber que, a razão de ser da pobreza da produção agrícola

regional, não podia se ligar somente às questões de distância dos centros consumidores. Mas, sem dúvida, este fato foi e é ainda o problema mais sério a entravar o desenvolvimento da região.

Nos fins do século passado, a grande esperança da população regional, residia na construção da ponte sobre o rio Paranaíba, no canal de São Simão, a 160 km de Rio Verde, ponte esta que era esperada para os fins do ano de 1886... Esse sonho só foi concretizado meio século depois e, assim mesmo, parcialmente, porque se fez a ponte, mas não se complementou a obra com a construção da rodovia de ligação até às pontas dos trilhos da "Paulista".

Em função desses fatos todos, quem lucrava com a segregação dessas imensas regiões criadoras do sudoeste goiano, eram os dois centros urbanos intermediários do Triângulo Mineiro: Uberaba e, depois, Uberlândia.

Em 1943, após se ter construído a rodovia de ligação do Sudoeste Goiano com as barrancas do Rio Grande, em território paulista, levantou-se a ponte Mendonça Lima (2), que resolveu em definitivo a última etapa do grave problema da rota do gado para São Paulo. Conseguiu-se uma verdadeira "captura" econômica para São Paulo, porque foram postos à margem os intermediários do Triângulo, carreando o gado goiano e matogrossense diretamente para os grandes frigoríficos paulistas de Barretos e Rio Preto. Hoje, os caminhos boiadeiros de Rio Verde e Jataí convergem diretamente para o Estado de São Paulo, cortando terras de município de Quirinópolis, a ponte do canal de São Simão, o Triângulo Mineiro, a ponte Mendonça Lima e, finalmente, alcançando a ponta dos trilhos da "Paulista".

Ao geógrafo, porém, interessa indagar um pouco mais: teria efetivamente a abertura da rota direta do gado goiano para São Paulo contribuído para o desenvolvimento de Rio Verde e outros municípios do Sudoeste Goiano?

Honestamente devemos dizer que, no fundo da questão, houve apenas uma ligeira inversão na situação anterior e um incentivo a mais para os grandes fazendeiros da região. De resto, as consequências econômicas do fato não tiveram suficiente importância para influir na dinâmica geral do desenvolvimento regional.

A economia do município de Rio Verde teve sempre por base a criação de gado bovino. As vastas áreas de pastos naturais da região, aliadas à impossibilidade de um grande desenvolvimento agrícola, fizeram com que o pastoreio dominasse todos os outros setores das atividades regionais.

(2) A ponte Mendonça Lima foi construída nas proximidades da cachoeira do Marimbondo (porto do Isaac), pela "Empresa Paulista de Viação S.A.", sob a presidência do General Miguel Costa.

Em 1886, assim se referia o informante de Moreira Pinto, falando das atividades econômicas de Rio Verde: "Sua principal indústria (*sic*) é a pastoril, a qual sem dúvida produz gado da melhor qualidade que se encontra na província, devido ao cuidado dos fazendeiros em cruzarem as raças, pois constantemente mandam vir touros pastores da província de Minas e até da Fazenda Santa Cruz na província do Rio de Janeiro".

Nos últimos quinze anos, a invasão do zebú (que se processou rapidamente no Oeste Paulista, Triângulo Mineiro e sul de Mato Grosso) também atingiu o sudoeste goiano, marcadamente a região de Rio Verde. Com isso, o "tucura", espécie atrofiada de gado semelhante ao "curraleiro" ou "crioulo", aos poucos vai sendo substituído por tipos novos resultantes de cruzamentos.

Infelizmente, as pastagens da região de Rio Verde não são comparáveis aos excelentes campos de engorda de Burití Alegre; fato que, aliado ao problema das distâncias, faz com que Rio Verde não possa se transformar em área de invernações para engorda.

Em relação às atividades puramente agrícolas, devemos dizer que, embora insignificantes em face da enormidade do território municipal, têm certa importância local. O milho, como sempre, é a produção de primeira plana, seguindo-se a cana, o café, o arrôz, o feijão, o fumo e muito pouco algodão. Os cafezais tiveram certa expressão no passado; hoje constituem uma cultura praticamente extinta. As paisagens rurais demonstram bem a pobreza geral das atividades agrícolas.

O maior problema de Rio Verde, como de todo o Sudoeste Goiano, é o da falta de uma ferrovia. Mórmente após 1925, o grande sonho dos homens de maior visão da região, foi o de vêr os trilhos das estradas mineiras e paulistas passarem pelo seu território. O jornalista Elmano Soares, em uma reportagem sobre Rio Verde (1929-1930), assim se expressava: "A maior aspiração de Rio Verde, o que aliás se patenteia em todo o sudoeste goiano, é a entrada dos trilhos da "Oeste de Minas" em Goiás, cujo problema, retardado indefinidamente, vem causando sérios prejuízos ao progresso e desenvolvimento não só do município, como de toda a zona que se destina a receber os benefícios ferroviários da "Oeste"."

Indiscutivelmente, a extraordinária paralização sofrida pelo ciclo de expansão ferroviária brasileira, nos últimos vinte anos, muito tem a vêr com o destino econômico de algumas regiões do interior brasileiro. E, não se pode duvidar que o maior prejudicado nesse sentido foi o Centro-Oeste.

Os progressos observados no sudoeste de Goiás, após o advento dos transportes motorizados, dão-nos uma idéia pálida do que representará, para a região, a chegada dos trilhos.

A "Fundação Brasil Central", cujos planos de desbravamento e ocupação efetiva do oeste de Goiás e nordeste de Mato Grosso, não diziam respeito diretamente ao Sudoeste Goiano, viu-se obrigada a incluir a região em sua órbita de atividades. E, não pode haver dúvidas sobre os resultados dessa iniciativa, para a reanimação da vida regional.

Achamos que nada se poderá fazer de mais positivo para a exploração econômica dos grandes claros de povoamento do oeste de Goiás e Mato Grosso, sem uma recuperação racional e planejada do sudoeste goiano. Tudo o que se fizer, sem base nessa premissa, será um tanto artificial e de resultados muito temporários e duvidosos.

Por outro lado, Rio Verde muito significará nisso tudo, porque qualquer planificação econômica conjugada, entre o Governo Federal, o Governo de Goiás e a "Fundação Brasil Central", terá que incluir obrigatoriamente a pequena cidade que é capital regional do Sudoeste Goiano. Guardadas as naturais diferenças, Rio Verde poderá vir a representar um pouco do papel que o centro ferroviário de Baurú, no Estado de São Paulo, representou para o sul de Mato Grosso.

Paisagens rurais dos chapadões do Planalto de Rio Verde (entre Rio Verde e Jataí). — Da encosta onde se situa Rio Verde, mirando-se para o vasto horizonte que se estende à sudeste, tem-se noção da topografia geral da região. Tratam-se de extensos chapadões, suavemente ondulados, apresentando no horizonte pequenas quebradas e níveis mais salientes, correspondentes a morros "testemunhos".

Transposta a cidade, no rumo de Jataí, reaparecem chapadões suaves, onde predominam "cerrados" ralos. Não se vê, na faixa cortada pela estrada, nenhum sinal efetivo de povoamento. As culturas e as fazendas, como sempre, localizam-se nos flancos dos chapadões, permanecendo invisíveis aos viajantes. Por muitos quilômetros, não encontramos moradias à beira do caminho.

Em alguns pontos dessa região, o "cerrado" é bem individualizado. Pela primeira vez, deparamos pequenos bandos de veados e emas, vagando por aquêles vastos campos desabitados.

Registramos, como fato curioso, o encontro de uma sexagenária, peregrina cearense, débil mental, que, provindo do norte de Goiás, dirigia-se, a pé, para Cuiabá. Dormia nos "cerrados", ali-

mentando-se de frutos silvestres e cascas de quina. Aproveitava-se da ocasional boa vontade de um ou outro "chauffeur", afim de vencer algumas etapas de sua homérica caminhada.

Um terceiro posto fiscal da "Companhia Rodoviária Sudoeste de Goiás" foi por nós ultrapassado; verdadeira pequena ilha de povoamento de exceção, localizada no meio daqueles cenários ásperos e semi-desérticos. Notamos, em serviço, um trator pertencente à Companhia (Foto n.º 12).

Na paisagem vegetal, algumas mudanças vão se processar daí por diante. Vimos o primeiro vasto campo "limpo" recoberto de capim amargoso. Logo, porém, reapareceram "cerrados" ralos.

Nas proximidades do rio Bolicho, atingimos Rancho Queimado. Trata-se de um dos pousos mais curiosos dos chapadões do Planalto de Rio Verde e de todo o sudoeste goiano (Foto n.º 13).

Rancho Queimado engloba um pequeno conjunto de casas quadrangulares, de altos telhados em quatro águas, onde todo o material de construção provém do "cerrado". Nosso colega Pasquale Petrone, companheiro de viagens e de pesquisas, teve a gentileza de nos fornecer as anotações, que se seguem, a respeito da forma e estrutura das aludidas habitações: "As paredes externas das habitações, assim como aquelas que separam as diferentes dependências internas, são de pau-a-pique. Foram construídas simplesmente pela justaposição de paus colocados um ao lado do outro, fincados na base, em troncos com orifícios previamente preparados para tanto. Nas cabeças são presos por paus mais finos, transversais. Nos cantos, mourões em forma de pilares, sustentam as traves em que se apoia o teto. Os paus das paredes, ou são lascados, ou são roliços e rústicos, enquanto que os troncos das cantoneiras são descascados. Não há folhas de portas; nota-se, porém, que os batentes das mesmas são mais trabalhados. No interior, traves paralelas ao suporte do teto reforçam a armação. O telhado é de quatro águas, construído como uma armação de paus sobre a base das traves laterais. A cobertura é de folhas de indaiá, fixas por um trançado de taquaras finamente lascadas e amarradas nos paus e traves, com cipó embira. As paredes são barreadas de um só lado, o externo, com escremento de bovinos."

Cumpramos acentuar que as variações que podem ser encontradas nesse tipo de habitações, onde entra o material do "cerrado" e das matas-galerias regionais, não modificam a estrutura fundamental.

Na paisagem, tais casas se assemelham a grandes choças, tendo alguma coisa dos "baís" borôros. Daí admitirmos a existência do que chamamos de "estilo borôro", imperante desde as proximidades de Itumbiara até Aragarças, onde atinge o seu climax, penetrando pelo leste de Mato Grosso a dentro (Foto n.º 14).



Foto n.º 13 --- *Cenário de Rancho Queimado*, um dos pousos de beira de estrada mais característicos do Sudoeste Goiano (Foto A.N.A. — 1948).

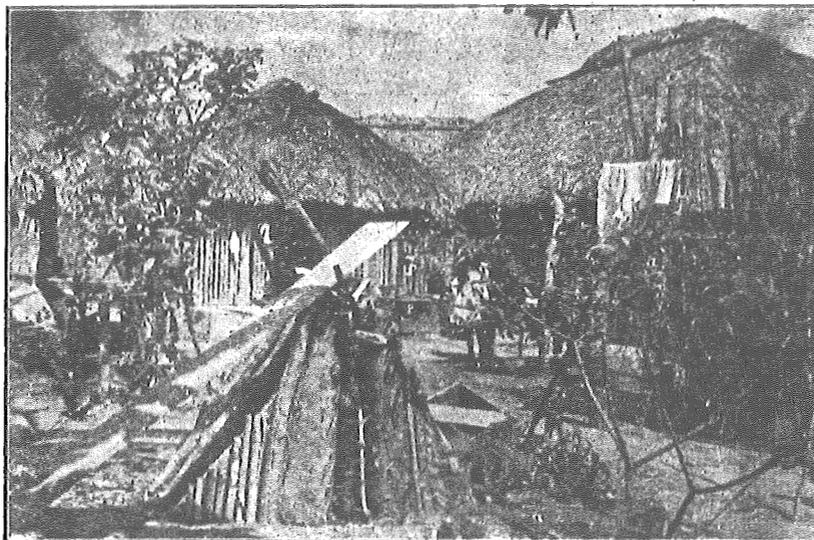


Foto n.º 14 --- *Visão dos rústicos ranchos "estilo" borôro*, em fotografia tomada no quintal do pouso de Rancho Queimado. Note-se o caos de madeira e palha, a'í imperante, retratando o material que o cerrado circunvizinho fornece ao homem da região (Foto M.C. J. — 1948).

O pouso de Rancho Queimado possui um arranjo de dependências bastante semelhante aos dos outros que visitamos. Após o edifício frontal, onde estão os quartos e a sala de jantar (com sua mesa comprida e bancos), segue-se o terreiro com a cozinha e o "coberto" de lavar roupa, ao lado da cacimba. A grande novidade foi a presença de um apêndice lateral, no qual se localiza uma "república", espécie de dormitório coletivo e amplo, onde existiam seis camas e, a um canto, um minúsculo compartimento separado, com mais dois leitos.

No fundo do quintal, notavam-se paióis e chiqueiros, em meio de grandes quadras cercadas.

No Rancho Queimado, tivemos ocasião de observar, a um tempo, quase todas as variedades de cercas rústicas e típicas que, infalivelmente, rodeiam qualquer habitação menos rica do Sudoeste Goiano.

Um dos tipos mais curiosos é o das construídas com os troncos tortuosos das árvores do "cerrado" (lixeiros e imburussús). Neste caso, os troncos menos aparados, que servem de mourões, sustentam longas traves, ora tortuosas, ora retas.

Outro elemento, complexo e rústico, é o das cercas que conjugam madeiras dos "cerrados" e das matas-galerias. Neste caso, forquilhas retorcidas e inclinadas sustentam longos troncos mal lavrados, nos quais se recosta a paliçada de altas achas de madeira, também inclinadas. Fato que dá uma largura extremada para a cerca, enquanto que as rugosidades das cascas aumenta sensivelmente a rusticidade do conjunto. As cercas desse tipo se parecem com arapucas muito largas e camufladas.

Tipos de cercas mais comuns no sudoeste goiano são representados por simples mourões ou achas de madeira, grosseiramente lavradas, enfileiradas e fincadas ao solo.

Algumas vezes, para se evitar porteiras frequentes, constrõem-se os "puladores", que são uma série de toras grossas, dispostas em forma de escadas de lances simétricos e opostos, localizados nos cantos das cercas, para facilitar a passagem das pessoas e evitar a dos animais (Foto n.º 15).

Um personagem curioso, com o qual entramos em contacto em Rancho Queimado, foi o do *mensageiro-caboclo*, que se intitulava "lavrador", homens de recados e pequenas compras. Tendo a infelicidade de não possuir uma das pernas, adaptou-se ao gênero de vida de mensageiro, servindo homens e mulheres das fazendas, "retiros" e pousos da região de Rio Verde-Jataí (Foto n.º 16).

O relêvo, que se descortina nos arredores de Rancho Queimado, apresenta, no horizonte, a linha aplainada dos chapadões e, não



Foto n.º 15 — Dependências acessórias do pouso de Rancho Queimado: paiol tulha e cercas rústicas de vários tipos. Assinalando um "pulador", vêem-se as crianças de Rancho Queimado (Foto M.C. Jr. — 1948).



Foto n.º 16 — Um personagem-tipo: o mensageiro-caboclo do Sudoeste Goiano (Foto A.N.A. — 1948).

muito longe, a silhueta de um morrote em forma de mesa, ainda em processo de entalhamento. Os flancos baixos dos chapadões e morros "testemunhos", assim como os largos vales que ali existem, são ocupados por cobertura florestal ainda pouco degradada.

Após Rancho Queimado, a paisagem continúa apresentando altos chapadões com cerrados, que, de quando em vêz, cedem lugar a campos "sujos". Nesta área, seriemas, bandos de veados e emas são frequentes.

Pela primeira vêz, entramos no "campestre", espécie de campo extensíssimo, quase inteiramente limpo, recoberto por um mimoso tapete de verde mais claro. Daí por diante, por uma larga amplidão, estendem-se "campestres" justapostos a uma topografia absolutamente retilinizada. Isolados, aqui e ali, na área do "campestre", erguem-se os pequenos tufos de indaiás ou arbustos de porte reduzido, denotando a grande pobreza dos solos regionais. Não são raras as associações de indaiás-anões, estendidas por consideráveis áreas.

Nos vales dessa região, observam-se bons exemplos de matas-galerias um tanto degradadas. Sucodem-se vales muito simétricos e suaves, entalhados em V discretamente aberto. O desnível entre o alto dos chapadões e o fundo dos vales é da ordem de pouco mais de 100 metros. Nêsses extensos chapadões areníticos, a presença do homem praticamente não é notada.

Nas ravinas dos flancos mais inclinados dos chapadões, aparecem buritís e relva de verde carregado, onde a umidade é mais permanente. Tratam-se de "campinas", expressão regional utilizada para designar trechos de solos úmidos, apenas recobertos por relva. E' aí que se situam as belas associações de buritís, ou sejam, os "buritizais".

Sòmente quatro léguas depois de Rancho Queimado, vimos a primeira moradia próxima à estrada, fato que bem demonstra a ocupação mínima daquelas dilatadas extensões de pastos naturais. Mais do que a ausência do homem, espantou-nos a quase absoluta ausência de rebanhos na região.

A meio caminho entre Rio Verde e Jataí, reaparecem "campestres", ricos em coqueirinhos rasteiros (indaiás-anões), com suas palmas brotando do chão, material muito utilizado para a cobertura das choças e casas pobres da região.

Atingimos o pôsto fiscal de Rio Doce, da companhia rodoviária. Vimos ali, no fundo de um vale, velha moradia, clássicamente goiana, e seus anexos: cêrcas, cerrados, ranchos, monjolo

em compartimento coberto. A água é trazida por meio de grandes côchos rústicos, conjugados na forma de aqueduto caboclo.

Depois, sem variar, sucedem-se chapadões, "cerrados" e "campestres", até as proximidades de Jataí.

Os problemas econômicos da região de Jataí lembram em tudo os de Rio Verde. Acharmos que, quaisquer que sejam as soluções intentadas para um dos dois municípios (estradas de ferro, indústrias, rodovias, obras assistenciais, etc.), interessarão profundamente ao outro, sem prejuízos de qualquer ordem.

BIBLIOGRAFIA

- AB'SÁBER, A. N. (e) COSTA JR., M. — 1950 — *Contribuição ao estudo do Sudoeste Goiano*. Bol. Paulista de Geografia, março de 1950, n.º 4, pp. 3-26.
- FERREIRA, M. Rodrigues — 1946 — *Nos Sertões do Lendário Rio das Mortes*. — Editora do Brasil, S.A. — São Paulo.
- FONSECA, S. da — 1944 — *Uma viagem realizada a Minas e Goiás*. — (65.ªa. tertúlia geogr. sem. do C. N. G. — 16 de maio de 1944) — Boletim Geográfico, ano II, julho de 1944, n.º 16, pp. 477/483.
- MOREIRA PINTO, A. 1894 — *Apontamentos para o Dicionário Histórico Geográfico Brasileiro*. — Imprensa Nacional — Rio de Janeiro.
- PATERNOSTRO, Júlio — 1945 — *Viagem ao Tocantins*. — Comp. Editora Nacional. Col. Brasileira. São Paulo.
- SOARES, Elmano — 1929/30 — *Almanack Ilustrado Brasileiro* (Propaganda de Mato Grosso, Zona Noroeste e Sudoeste Goiano) — n.ºs 2 e 3 — 1929-30. Empr. Ed. Gazeta do Comércio. — Três Lagoas — Mato Grosso.